



A PANDEMIA DA COVID-19 E SEUS EFEITOS À SAÚDE E AO AMBIENTE: A AGROECOLOGIA COMO CAMINHO NECESSÁRIO

The COVID-19 pandemic and its effects on health and the environment reaffirms us:
agroecology is the way

Islandia Bezerra¹, Romier da Paixão Sousa² e Flávio Bezerra Barros³

“O planeta está com febre e os diagnósticos não são nada promissores; o aumento das temperaturas é um sinal de que os delicados equilíbrios do ecossistema global foram rompidos” (TOLEDO, 2013, p. 3).

Utilizando uma metáfora clínica, relacionada à saúde, o professor Victor Toledo demonstra a preocupação com a atual situação de nosso planeta e em seu texto *“El paradigma biocultural: crisis ecológica, modernidad y culturas tradicionales”* realiza uma reflexão em relação ao estado de crise que vivemos na atualidade. De acordo com o autor, a principal causa do desequilíbrio ecológico global é o *Homo industrialis* que, com diversos mecanismos, apenas busca a concentração e acumulação de capital.

Vivemos um momento em que um ato humano, uma medida ou ação governamental, a decisão de quem produz na agricultura (se usa ou não agrotóxicos, por exemplo) ou o trabalho de pesquisa de quem produz conhecimento acadêmico, dentre outros exemplos que movem a sociedade, contribuirá de forma significativa para resfriar ou aquecer o planeta (TOLEDO, 2013). Os limites do planeta vêm sendo evidenciados há tempos (ROCKSTRÖM et al, 2009); assim como também se evidencia o quanto a ação humana segue interferindo nos sistemas de regulações ecossistêmicas. Segundo o relatório EAT-Lancet (2020), vivemos uma nova era geológica: Antropoceno. Esta se caracteriza pela ação humana como uma força geológica, capaz de modificar profundamente o funcionamento de nossa “casa comum”, como destacou o Papa Francisco em sua encíclica *“Laudato si”*, sobre o cuidado da casa comum. Contemporânea, situada e esclarecedora, Francisco inicia sua encíclica com este excerto de um singelo, porém, belíssimo, cântico de São Francisco de Assis:

“LAUDATO SI’, mi’ Signore – Louvado sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava'-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”.

¹ Universidade Federal do Paraná/UFPR. Departamento de Nutrição. Curitiba/PR, Brasil. E-mail: islandia@ufpr.br

² Instituto Federal do Pará - Campus Castanhal. Castanhal/PA, Brasil. E-mail: romier.sousa.ifpa@gmail.com.

³ Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará/UFPA - Belém/PA, Brasil. E-mail: flavioebb@ufpa.br

Recebido em: 22/11/2020
Aceito para publicação em: 23/11/2020

Correspondência para:
islandia@ufpr.br

Molina e Toledo (2011) alertavam sobre o metabolismo social acelerado que tem consumido mais recursos do que a capacidade da *Pachamama* (em quéchua, sig-

nifica universo, mãe Terra..., para nos conectarmos com o pensamento dos povos andinos) em se recuperar e, do mesmo modo, a humanidade tem produzido mais resíduos do que se pode absorver. De fato, associada a essa crise ecológica, possuímos um conjunto de crises interconectadas, como a crise econômico-financeira, a crise energética, a crise civilizatória, sucessivas crises alimentares e, mais recentemente, a crise global de saúde pública, ocasionada pela pandemia da COVID-19.

Para Rob Wallace (2020) foram/são/serão inúmeras as crises pandêmicas ocasionadas pelo atual sistema alimentar de produção industrial. Todas elas possuem uma conexão direta com a expansão da agricultura intensiva (vegetal e animal) e os centros de produção/processamento industrial de alimentos. Wallace (2020) demonstra, ainda, que esse sistema vem, ao longo das décadas, reduzindo cada vez mais os habitats naturais e isso gera inúmeros impactos na fauna silvestre, sendo que muitos desses se transformam em patógenos letais, seja na produção pecuária, seja nas pessoas que lidam e trabalham cotidianamente nesse setor. Altieri e Nicholls (2020) reforçam esses argumentos quando evidenciam que grande parte desses “novos” vírus e bactérias advém de mutações e/ou adaptações realizadas em grandes sistemas de criações de animais para o consumo humano. Outra causa possível é a rápida expansão da agricultura e sua alteração dos ecossistemas selvagens, combinadas com tecnologias mecanizadas, genéticas e agroquímicas específicas, que se tornaram uma grande força na remodelagem da biosfera.

Obviamente que, aliado a esse sistema alimentar de produção industrial, outras formas do sistema capitalista de exploração da natureza como a mineração, a destruição de nascentes de águas, a construção de barragens, a pesca predatória, as práticas de reflorestamento de monoculturas, dentre outras, são determinantes para exacerbar essa situação de colapso planetário.

A crise sanitária instalada em função da pandemia da COVID-19, soma-se, portanto, às demais crises que já vínhamos enfrentando no mundo, produto de um modelo industrial e de consumo altamente destrutivo e com consequências sem precedentes para a humanidade e a natureza. Essa pandemia expõe, ainda mais, as contradições e as desigualdades do capitalismo, e manifesta dramaticamente a fragilidade e a vulnerabilidade desse sistema socioeconômico a eventos inesperados (ALTIERI e NICHOLLS, 2020). Com efeito, a pandemia nos tem ensinado uma lição: o que é riqueza, afinal, se agora ela não está servindo para salvar vidas humanas? Ouro e prata não se transformam em ar, assim como não se metamorfoseiam em comida. Mas as políticas neoliberais estão aí, gerando distorções sociais, retirando do Estado o papel de proteção ao cidadão, na medida em que favorecem as grandes corporações, as entidades bancárias e a elite, causando dor e sofrimento à classe trabalhadora, privatizando instituições, arquitetando reformas devastadoras (BARROS, 2020).

Quando estávamos fechando esse editorial, tínhamos cerca de 56.435.244 de pessoas que foram contaminadas com o novo Coronavírus e 1.352.775 mil pessoas que perderam suas vidas (<https://www.coronavirus.com.br/>). A pandemia representa uma ruptura ecológica e política sem precedentes para a humanidade, sem contar que esses números são, como afirmam várias fontes, subestimados, e são os coletivos mais vulneráveis social e economicamente que sofrem mais de perto os efeitos deletérios dessa carnificina, sem moradia, sem água potável, sem comida em qualidade e quantidade adequados e, sobretudo, sem acesso a sistemas de saúde para tratar a doença (BARROS, 2020). Nesse cenário, temos a oportunidade de refletir, agir e transformar, a partir da agroecologia enquanto prática, ciência e movimento que nos instiga a seguir cultivando utopias e retroalimentando processos de resistência.

A agroecologia se apresenta como sendo o caminho para enfrentar esse sistema que gera doenças, desigualdades, violências, iniquidades, exploração de toda sorte e mortes. A partir da Agroecologia, enquanto Ciência, podemos investir na construção de um conhecimento que promova uma visão crítica e transformadora, pautada no princípio holístico de respeito à natureza, no qual a humanidade e todos os seres sencientes possam, do seu lugar de existência, continuar escrevendo sua história cultural e natural em todos os confins dessa imensa casa comum. Nessa grande jornada planetária, todos têm o direito à vida e a um ambiente equilibrado. A Ciência Agroecológica assume, portanto, um caráter de essencialidade, no qual a emergência por tecnologias voltadas ao desenvolvimento comprometido com a saúde planetária (das pessoas e do ambiente) é, e será sempre, um horizonte a defendermos e perseguirmos. Os povos indígenas, os camponeses e camponesas, as comunidades tradicionais que, em seus territórios sagrados praticam o bem viver ancorado no cuidado

ao outro, na reciprocidade, no respeito à natureza, devem ser enxergados como espelhos do que vem a ser a agroecologia como uma prática social e modo de viver. Como disse Davi Kopenawa em “A queda do céu”: palavras de um xamã Yanomami: “você brancos dormem demais, mas não sonham tão longe quanto o meu povo” (KOPENAWA e ALBERT, 2015). Há muita profundidade nesse pensamento indígena!

Considerando a dinamicidade da sociedade que se organiza em coletivos e movimentos, bem como a natureza a partir dos seus ciclos, a Agroecologia nos insere, nos envolve e nos exige integrar esses movimentos. E, assim, também nos coloca em lugares e arenas de disputas de narrativas e/ou no campo das ideias e políticas, para que assim seja possível pautá-la como o caminho a ser trilhado em prol de uma harmonia necessária entre sociedade e natureza, respeitando, assim, os limites que a própria natureza nos impõe.

Por isso, a Agroecologia é, também, prática. São as práticas desenvolvidas pelos distintos povos e etnias, dos campos, das cidades, das águas e das florestas, assim como são as pesquisas aplicadas que nos ensinam e nos mostram, a partir de evidências, que sim, é possível! Nossas práticas no campo da produção, mas também na reprodução social - mediante as relações que estabelecemos - pode (e deve) ser transformada e transformadora.

Esta edição especial da RBA, que traz um Dossiê AGROECOLOGIA, SAÚDE E MEIO AMBIENTE E OS IMPACTOS DA COVID-19 NA SOCIEDADE vem, portanto, nos brindar com a socialização de pesquisas, reflexões e análises sobre esse contexto planetário e, ao mesmo tempo, vem nos estimular a seguir com as nossas lutas e enfrentamentos cotidianos, sejam nos espaços acadêmicos, nos institutos de pesquisa, nas esferas decisórias de poder, como o legislativo, executivo e judiciário, sejam nos territórios onde tais enfrentamentos são ainda mais presentes e de forma intensa. Foi com esse intento que a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE) e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), junto à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e outras instituições que vivenciam práticas de agroecologia em seus mais diversos contextos e dimensões, se uniram para levar a cabo este dossiê, que acolheu textos de diferentes atores sociais.

Agradecemos vivamente às autoras e autores que enviaram seus textos-reflexões para tornar possível esta coletânea que compartilhamos com a sociedade nesse momento de desafios múltiplos. Desejamos que estes manuscritos possam ecoar nos mais diferentes espaços e coletivos sociais a fim de nos estimular a pensar outras possibilidades de existência nessa casa comum, sendo a Agroecologia uma delas. As autoras e autores que aqui se fazem presentes nas suas ricas construções, fortalecem de infinitas maneiras a Agroecologia como o caminho a ser trilhado para que seja possível enfrentar e, mais que isso, transformar o sistema atual e hegemônico de produção (e consumo) industrial. Boa leitura! Saudações agroecológicas!

Referências

- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés; DE INVESTIGACIONES AGROECOLÓGICAS, Centro Latinoamericano. La Agroecología en tiempos del COVID-19. University of California, Berkeley. Centro Latinoamericano de Investigaciones Agroecológicas CELIA, 2020, p. 1-6.
- BARBERIA, Lorena G.; GÓMEZ, Eduardo J. Political and institutional perils of Brazil's COVID-19 crisis. *The Lancet*, 2020, 396.10248: 367-368.
- BARROS, Flávio Bezerra. Sobre dor, sofrimento e esperança: o novo coronavírus e a condição humana no Antropoceno. *Ethnoscintia*, 2020, 5: 1-7.
- EAT-Lancet Commission. Food in The Anthropocene: the EAT-Lancet Commission on Healthy Diets From Sustainable Food Systems. 2020.
- KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MOLINA, M.; TOLEDO, Víctor M. Metabolismos, naturaleza e historia: hacia una teoría de las transformaciones socioecológicas. Icaria editorial SA Barcelona, España, 2011.
- ROCKSTRÖM, Johan, et al. Limites planetários: explorando o espaço operacional seguro para a humanidade. *Ecologia e Sociedade*, 2009, vol. 14, nº 2.
- TOLEDO, Víctor M. El paradigma biocultural: crisis ecológica, modernidad y culturas tradicionales. *Sociedad y Ambiente*, 2013, vol. 1, no 1, p. 50-60.
- WALLACE, Rob. Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Edição: Elefante & Igra Kniga. 2020.